

Mar à vista: espaço transitivo no tempo diagonal bogeano

*Myrna de Arruda Nascimento**

*Sea on view:
the transitive space on the diagonal time of Marta Bogéa*

“Pela volta do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar,
à procura de si mesma” (José Saramago)¹

*Arquiteta, doutora, professora da FAU-USP
e do Centro Universitário Senac.

Do mar

Em 10 de setembro deste ano, tive o privilégio de conhecer a arquitetura projetada por Marta Bogéa para abrigar a 29ª Bienal de Artes de São Paulo, passeando, na companhia da própria, pelo singular e turbulento canteiro de obras da intervenção nitidamente edificada, prestes a ser inaugurada.

Embalado pela fala entusiástica e elucidativa, o caminho entre os interstícios, ainda incompletos, do projeto, desvelou a implantação de um enredo lapidado com maestria e singeleza pela autora.

SARAMAGO, J. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 62.

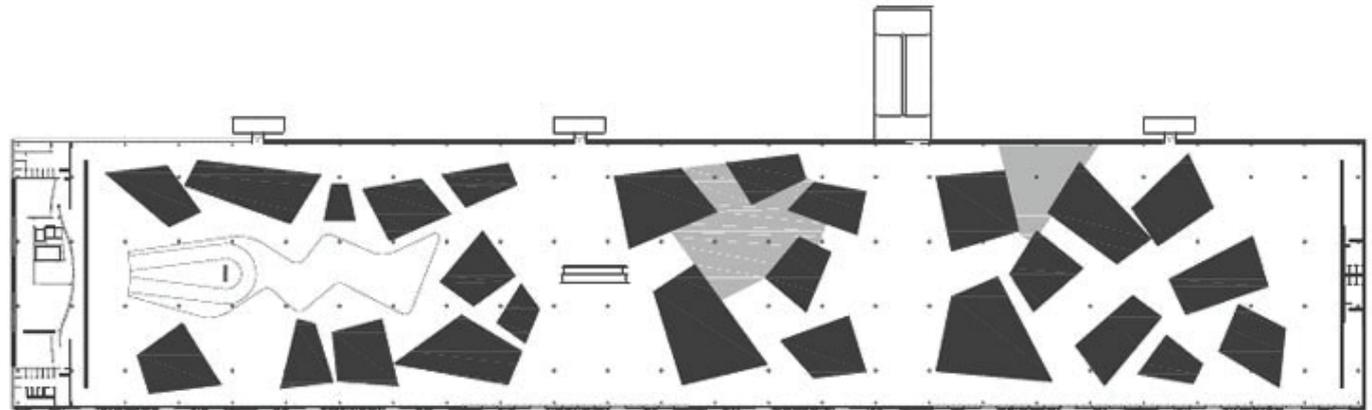
O mar esquadrinhando o arquipélago, o arquipélago configurado pelos vazios do mar.

Dos pilares que compõem a grelha ortogonal responsável pela estrutura do pavilhão da Bienal, partem diagonais em direção a um critério de organização capaz de viabilizar a disposição de **pedras ou ilhas articuladas**², segundo Marta, por entre as quais seja possível o navegante encontrar seu *copo de mar*³ (Figura 1).

² Termos usados pela arquiteta Marta Bogéa em seus textos e depoimentos filmados, presentes no site oficial da Bienal, <www.29bienal.org.br>, serão mencionados em negrito e itálico, ao longo deste texto.

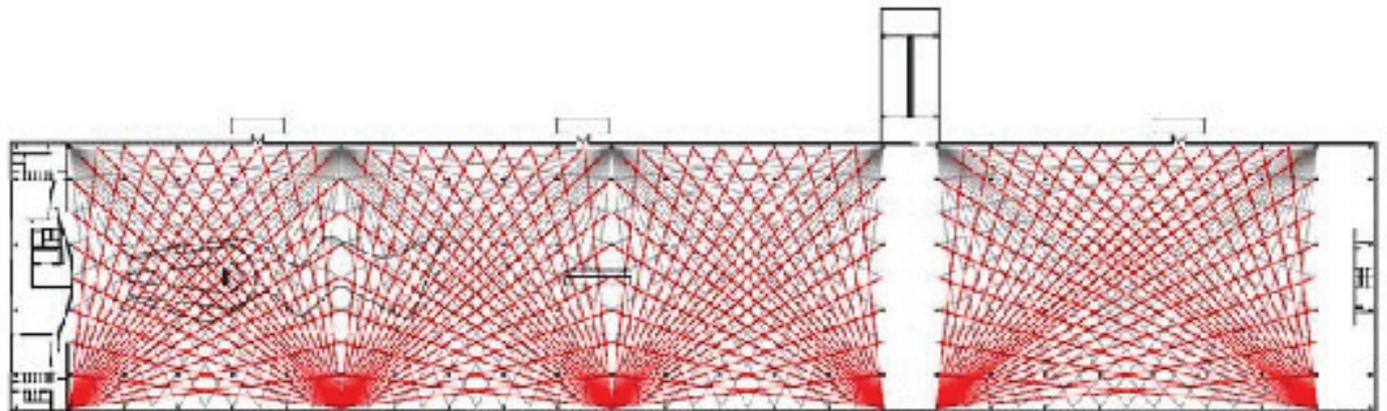
³ O verso do poeta Jorge de Lima, "Há sempre um copo de mar para um homem navegar" (*Invenção de Orfeu*), retirado de sua obra maior, segundo a curadoria, é o título dado à exposição da 29ª Bienal.

Figura 1 - Campos articulados e espaços intersticiais. Fonte: Divulgação FBSP.



O desenho gerador do partido arquitetônico vibra nos vértices pilares como uma urdidura pulsante (Figura 2), de onde emanam as coordenadas de cada futura sala disponível para ancoragem provisória do passante em deslocamento.

Figura 2 - Malha diagonal proposta. Fonte: Divulgação FBSP.



Entregue ao sabor da vaga que embala seu percurso desatinado, porém não de todo imprevisto, o navegador ora experimenta perder-se entre as frestas e fugas dos ambientes expositivos, ora se situa no edifício auxiliado pelas duas referências espaciais constantes que circundam e abrigam os labirintos convidativos desenhados no mar aberto: os pisos entrecortados pelo contundente vazio e a rampa sinuosa do próprio pavilhão, sempre visíveis graças às paredes de altura variável das salas e a fluidez da distribuição destas no espaço; e o entorno característico da implantação do edifício, que permite aos elementos naturais e construídos da paisagem paulistana dialogar continuamente com seu interior entre vidros. A onipresença da cidade e do Parque do Ibirapuera, informações coexistentes à natureza da arquitetura niemeyeriana, estão assumidas pelo projeto expositivo como inexoráveis.

Das ilhas

Marta não ignora a condição *sui generis* do volume geométrico, prisma que abriga um grande vão orgânico, **vazio de forma ameboide**, gerador de percepção vertical dinâmica de sua interioridade. Reconhecendo a premissa imposta pela arquitetura preexistente, exhibe-a como circunstância inevitável, tira proveito de sua imutabilidade, explora seus acidentados vazios conscientemente, e elege seus pontos de apoio estrutural como eixos de origem, como pontos pulsantes geradores de fluxos arteriais com base nos quais ela define o campo de relações de sua arquitetura expográfica (Figura 3).

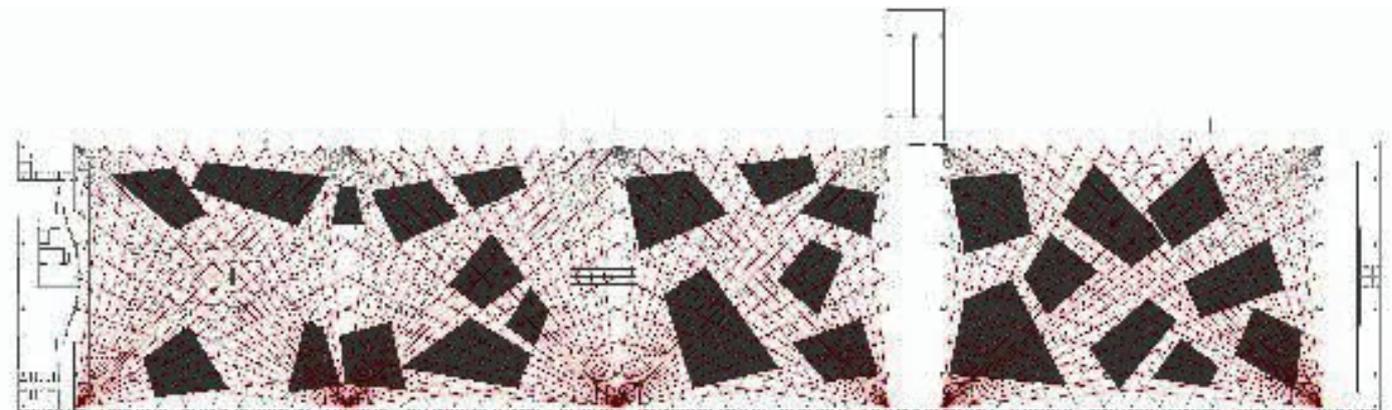


Figura 3 - Malha diagonal como matriz da construção das salas/ilhas do arquipélago. Fonte: Divulgação FBSP.

A definição de dois tipos de altura para as paredes dos blocos em que as salas se instalam confere ritmo e dissonância às pretensas unidades do arquipélago, garantindo-lhes a desejada assimetria e irregularidade sinalizadoras da convivência de desiguais. Compartilham também, na verticalidade, das variações direcionais permitidas no plano horizontal ao deslocamento entre os módulos em que habitam as obras.

Branco impuro nas paredes preparam a acomodação dos passantes filtrando a superfície das entradas em tons variantes discretos, regendo a sensação térmica do olhar visitante, iludindo profundidades.

Nesse tipo de recepção, Marta dosa as dobras, as antessalas, as esperas, os prefácios da narrativa curatorial.

Oportunidade gerada pela escolha diagonal.

Texto inaudível, porém sensível.

O projeto expográfico seduz o movimento ávido de quem se dispõe a navegar, desloca olhares, dispersando-os pelas obras e submetendo-os a aberturas imprevistas, a cavernas curiosamente definidas, equilibradas em luminosidades e opacidades, em proporções estudadas, em desarmonias assumidas como a única sala absoluta, regular e ortogonal, estranhamento súbito no terceiro piso da Bienal⁴ (Figura 4).

⁴ Sala destinada a Daniel Senise.

A malha matriz da disposição das ilhas revela outras surpresas: pilares abraçados e envoltos na trama diagonal, de um lado; pilar solitário, farol fixo para o percurso perdido, de outro.

Um ângulo agudo⁵, cunha radical no vértice triangular do trapézio distorcido até o limite; a ousadia na entrada do espaço compartilhado com o MAC no terceiro pavimento rasga com um susto nossa percepção acomodada aos planos das paredes sem tensão das salas (Figura 5). Sabe-se que a solicitação foi feita pelo artista, adivinhando o princípio regulador da arquitetura expográfica e tirando proveito de sua qualidade. Sabe-se também que a autora entendeu a condição independente que certas ilhas adquirem quando exploradas por marinheiros sagazes, e, assim, extrapolou o vértice, cedeu a quina.

⁵ A sala triangular de ângulo expressivo destinada a Francis Allys.

O resultado é contundente e inolvidável.

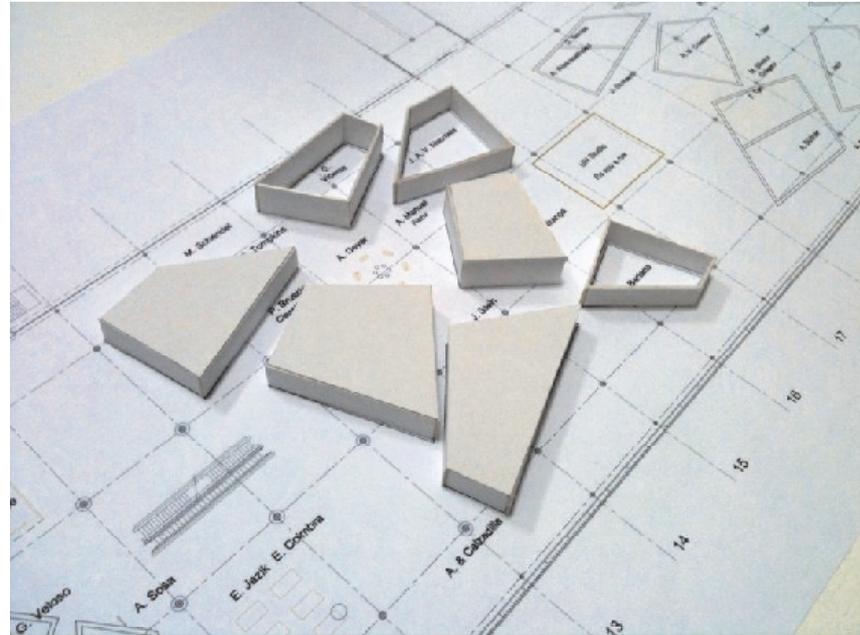


Figura 4 a - Dissonâncias, assimetrias, irregularidades. Fonte: Divulgação FBSP.

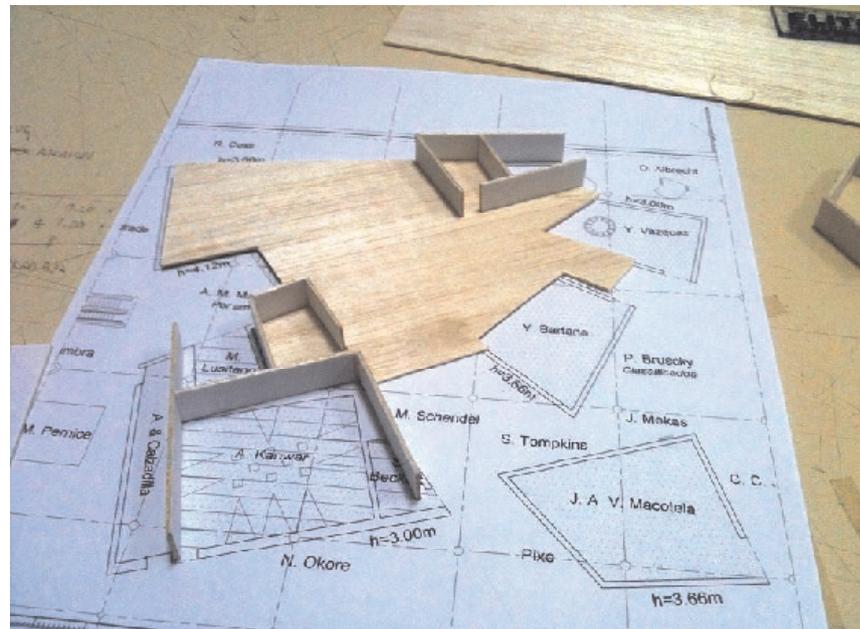


Figura 4 b - Dissonâncias, assimetrias, irregularidades. Fonte: Divulgação FBSP.

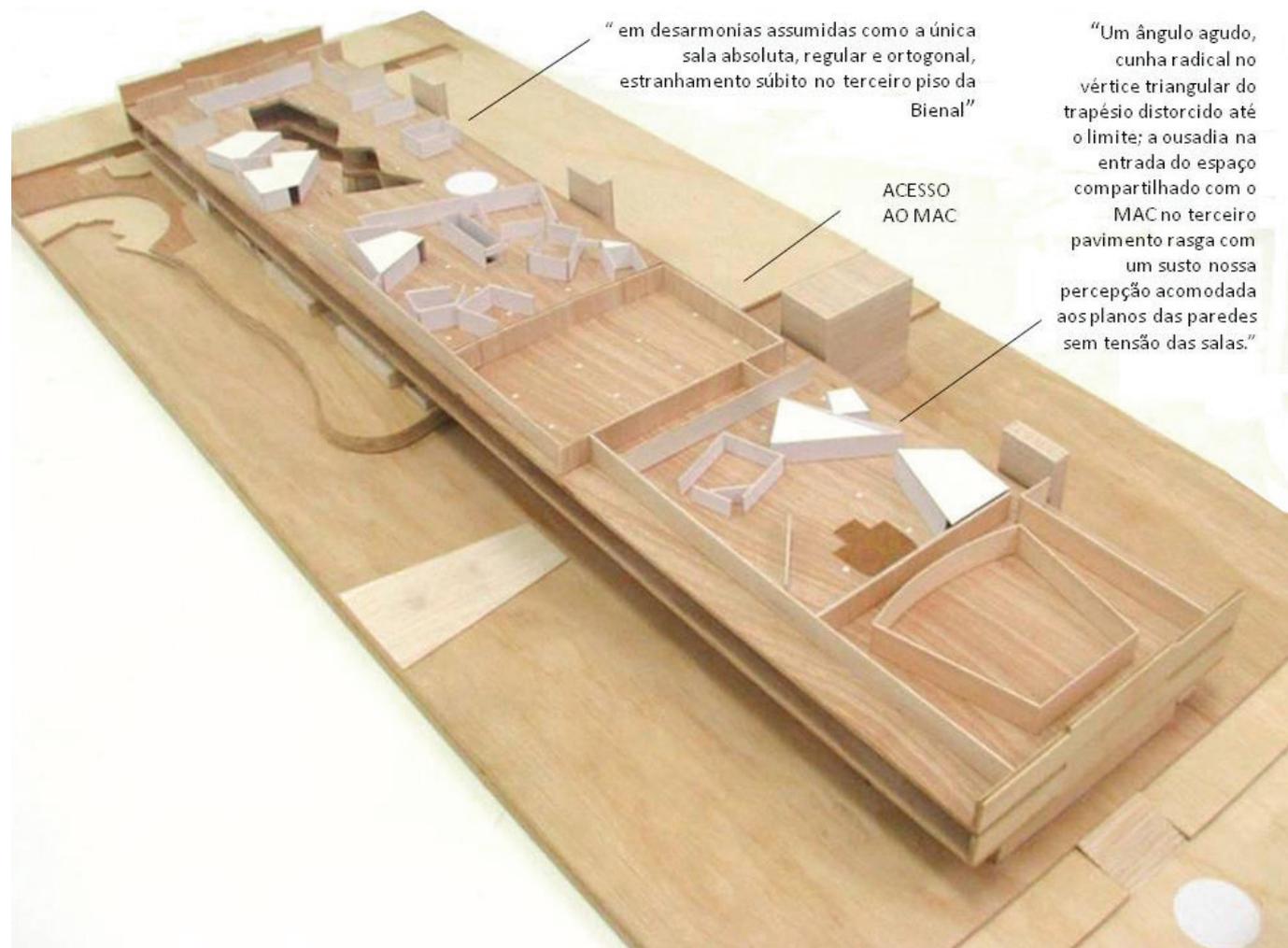


Figura 5 - Dissonâncias, assimetrias, irregularidades. Fonte: Divulgação FBSP.

Do pavilhão ou da permanência

Uma arquitetura gerada com base em outra; mutualismo alimentado pelas concessões. O labirinto entre ilhas dinamiza e tenciona a familiar circulação ortogonal do ícone moderno; os acessos ao edifício, propostos nesta edição 29^a, resgatam as prioridades do projeto original graças à orientação fornecida pelo tratamento gráfico instalado em sua lateral.

O público deixa-se levar ao longo da marquise, conduzido pelo plano gráfico sinalizador estendido na lateral do prédio, até as passagens camufladas tragarem seus corpos e jogá-los ao mar. Graças a este movimento, porém, o visitante encontra-se diante da entrada principal proposta por Niemeyer, e nesta atitude a arquitetura provisória, entre suas provocações ensaiadas, também torna conhecidas particularidades da arquitetura original que a abriga até dezembro.

Dos territórios ou das relações

Comentar a arquitetura da vigésima nona Bienal exige mencionar, sobretudo, o *script*, a solicitação recebida da curadoria⁶ para realizar a exposição em que *arte e política* constituíssem uma relação desejada e adotada como tema. Assim, além do próprio campo expográfico que recebe as obras dos artistas, previu-se outro tipo de experiência espacial para ocorrer nos **territórios definidos por aproximações, densidades e convívios**, denominados “terreiros” em função de sua identidade com a cultura brasileira e de sua capacidade de reunir e agregar indivíduos para manifestações públicas de toda ordem.

⁶ Desgosto particularmente dos termos briefing e programa, especialmente em se tratando de projetos expográficos nos quais a parceria e o diálogo com a curadoria e com os artistas assumem proporções e cumplidades que superam o formato tradicional desses condicionantes de projetos habituais; portanto, prefiro evitá-los a adotá-los.

Divididos pela curadoria em seis núcleos, os terreiros aparecem na malha-arquipélago como áreas catalisadoras, cuja presença detona a ocorrência dos pontos comuns que abrigam contradições. Quatro dos núcleos conceituam-se com base em opostos confrontados para revelar sua complementaridade: 1. O Outro, o Mesmo (espaço performático de ações que envolvem corpo e voz); 2. Dito, Não Dito, Interdito (espaço dedicado a práticas discursivas); 3. Lembrança e Esquecimento (espaço dedicado à pausa e descanso para rememorar); 4. Longe Daqui, Aqui Mesmo (espaço onde tudo pode ser criado, definido por uma biblioteca incomum). Um deles supõe a oposição pelo paradoxo: a pele do invisível (espaço para exibição de filmes). E, por fim, o sexto, Eu Sou a Rua (espaço proposto por um UM Studio como uma travessia dentro do prédio, um espaço de interação disponível à ocupação do público, a debates e entrevistas).

Definindo áreas de convergência resultantes da disposição das aberturas das salas para uma mesma direção, Marta tira partido dos espaços compartilhados pela confluência dos fluxos diagonais para neles inaugurar os terreiros. A continuidade da trajetória interrompe-se suspensa para assistir aos acontecimentos, programados ou aleatórios, que se estabelecem nesses pontos vagos, em que o mar se dispõe à reação do público, cercado de ilhas por todos os lados.

Nesses hipotéticos vazios, a autora projeta ambientações com os elementos imateriais da arquitetura: a presença da luz e de um determinado tipo de iluminação, as visualidades possibilitadas graças à escolha da vizinhança, a altura dos pisos, as brechas por onde circula o som passageiro, a proximidade ou o distanciamento da incidência luminosa natural, e todas as consequências decorrentes dessas sutis intervenções.

Da viagem

ou

da impermanência

Aqueles que acompanham o trabalho profissional, a atuação acadêmica e a produção científica de Marta Bogéa conhecem seu apreço pela arquitetura em movimento, errante e volátil, inconstante e inovadora a cada experiência que seu habitante/visitante/espectador vivencia, e que a cidade experimenta.

Naves, cápsulas, contêineres, estruturas montáveis, transportáveis, portáteis e retráteis, toda associação possível com a impermanência e o trânsito é reconhecida nos índices que particularizam seu discurso, sua expressão, seus projetos.

É inevitável revê-los nessa proposta expográfica em que a autora opta pelo deslocamento variante e pela libertação da grelha rígida e ortogonal do pavilhão, oferecendo aos artistas um lugar na **paisagem imaginada** no interior do edifício (Figura 6) .

Concebendo campos de relação para a arte como gesto político, em atos públicos, e campos de navegação para o homem, entre ilhas, em busca de seu copo de mar, a arquiteta aceita o desafio curatorial como um campo experimental em que suas inquietações possam ser testadas enquanto ocupam e se dispersam pela generosa área do projeto emblemático de Niemeyer.



Figura 6. Fonte: <http://www.29bienal.org.br/FBSP/pt/29Bienal/29Bienal/Paginas/Arquitetura.aspx>

Acesso: 29/11/2010.

⁷ SARAMAGO, *O conto da ilha...*, op. cit., p. 61.

No conto da ilha desconhecida de José Saramago, um homem parte em busca de uma ilha que os geógrafos do rei lhe asseguram não existir mais. Crente da existência da ilha, o homem define sua viagem sem itinerário determinado, nem destino previsto. O conto termina com um sonho do homem, revelando a este e a nós o segredo que alenta a estranha aventura do personagem. Em seu devaneio, seu barco transportando sacos de terra, sementes e animais, acometido por uma chuva noturna, começa a transformar-se em *uma floresta que navega e se balanceia sobre as ondas*⁷, e, assim, aquilo que se buscava se traduz no próprio meio utilizado para a busca: a ilha imaginada, metamorfoseada em barco, *parte à procura de si mesma*.

Tenho a sensação de que todo visitante que lançar mão da experiência Bienal vai sair de lá com uma carta marítima própria, resultado de sua navegação imprevista entre ilhas.

Conduzido a seu bel-prazer pela intuição silenciosa que ora divisa uma brecha, um acorde de Ravel escondido na passagem secreta desenhada pela arquiteta, uma sobreposição de planos, entrevistos no vazio, que o convidam a subir e a descer diagonais adentro, cada navegante levará do arquipélago uma memória, uma experiência, seu próprio meio navegante, seu refúgio-ilha construído com base na sua passagem e na sua viagem em busca do contato Bienal com a arte.

Para o destemido público: mar à vista!

Graças aos espaços transitivos regidos por Marta no ritmo diagonal que ela mesma assina.

E ensina.

PS: Gostaria de deixar expressos meus agradecimentos a Marta Bogéa, pelo passeio singular pela 29ª, a Marcos Vinícius Santos, pela exibição sem pressa e detalhada dos desenhos, a Kátia Teixeira, pelo lisonjeiro convite para a produção deste texto, a Laura Bigliassi, pelo envio expresso e generoso da iconografia do projeto arquitetônico da exposição, a Tiago Guimarães, pelas informações em diálogo com minha memória.